

Sarney discursa na ONU e tem encontro com Bush

Dívida externa e problemas comerciais serão os principais temas da conversa

BRASÍLIA — A dívida externa brasileira vai ser o tema principal do discurso do presidente José Sarney na abertura da 44ª Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), segunda-feira, em Nova York. O mesmo assunto será abordado por Sarney durante o encontro informal agendado para a tarde com o presidente dos Estados Unidos, George Bush, além das questões sobre problemas comerciais entre os dois países.

Para pousar em território americano, porém, o boletim que transporta o presidente e sua comitiva depende de uma autorização especial: o 707 da Força Aérea Brasileira (FAB), reservado para a viagem, teve suas operações proibidas nos Estados Unidos em virtude do excesso de ruído provocado por suas turbinas. Sarney segue acompanhado dos ministros Roberto de Azevedo, das Relações Exteriores, e Rubem Bayma Denys, do Gabinete Militar, e de uma equipe de apoio técnico de aproximadamente 15 pessoas.

O fim de semana do presidente, em Nova York, será tranquilo, livre de compromissos políticos. Na segunda-feira e na terça-feira, no entanto, estará com a agenda repleta. Além da audiência com Bush e da abertura da Assembléia Geral da ONU, Sarney encontrará com os presidentes da Bolívia, Jaime Paz Zamora, da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, e do Paraguai, Andrés Rodríguez. Entre uma e outra recepção das oferecidas por Bush e pelo secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar, Sarney conversará com a primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland.

O retorno a Brasília está previsto para quinta-feira, às sete horas. Mas Sarney não virá de Nova York direto para o Bra-



Sarney: discurso de abertura na assembléia da ONU e encontro com George Bush

sil. Na quarta-feira, às nove horas, passará por Chicago, onde vai visitar o Laboratório Fermi, que detém a mais avançada tecnologia em aceleração de partículas. Lá trabalham cerca de vinte cientistas brasileiros.

SUBSTITUTO

Apesar de estar viajando com uma comitiva bem mais modesta, se comparada com a que o acompanhou em sua última viagem a Paris para as comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, Sarney deixa no Brasil os mesmos anseios — e frustrações — entre os que estão na linha direta para substituí-lo na Presidência. Ainda não será desta vez que o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), presidente do Senado, vai poder se sentar na principal cadeira do Palácio do Planalto e realizar um de seus sonhos de homem público.

Para que o presidente do Senado possa assumir a Presidência da República na ausência do titular é preciso que o presidente da Câmara também esteja viajando para o Exterior — o que, desta vez, está fora dos planos do deputado Paes de Andrade. Carneiro, porém, terá uma nova chance na segunda quinzena do próximo mês, quando Sarney deverá visitar o Equador, Peru e Costa Rica e Andrade, se não acompanhá-lo, programará uma viagem para algum país vizinho.

Desde julho, na visita de Sarney a Paris, Nelson Carneiro, um veterano parlamentar com quase 80 anos, manifestou o desejo de assumir interinamente a Presidência e, com isso, enriquecer seu currículo. O presidente da Câmara, Paes de Andrade, concordou com a idéia, mas decidiu adiá-la. Tomou a

mesma decisão ontem, com a viagem de Sarney aos Estados Unidos para discutir na ONU — mas demonstrou disposição de ceder a vez a Nelson Carneiro numa próxima oportunidade. Novamente, Paes ponderou que não ficaria bem deixar o País, na ausência de Sarney, só para permitir que o presidente do Senado suba a rampa do Planalto.

No dia 23 de outubro, no entanto, está prevista uma nova viagem de Sarney, e esta poderá ser a brecha para Carneiro. A fórmula política que resolveria os impedimentos legais seria Andrade acompanhar o presidente como convidado especial, para representar o Poder Legislativo e concretizar o sonho de Carneiro, que coroaia, assim, uma longa carreira política iniciada em 46 como deputado da Assembléia Constituinte da Bahia.

Presidente cobra resultados

BRASÍLIA — O presidente José Sarney cobrou ontem dos candidatos à sua sucessão a apresentação de soluções contra a inflação, segundo ele, "um mal crônico que assola dramaticamente o nosso país desde o fim do governo Dutra, em 1949". Em seu programa semanal *Conversa ao Pé do Rádio*, Sarney atribuiu as altas taxas de inflação em seu governo à democratiza-

ção do Brasil: "Os trabalhadores passaram a ter um status, passaram a reivindicar dentro da renda nacional o seu direito a bons salários, justamente disputando com o lucro, com os juros e com todos os outros fatores que compõem a renda do País".

"Por que eles não apresentam o que desejam fazer para estancar a inflação?", indagou,

referindo-se aos candidatos. "Queremos ouvir dos candidatos, não provocações, não insultos, mas propostas, propostas concretas." Sarney assegurou ter feito tudo o que pôde para debelar a inflação e mencionou, como uma de suas tentativas, o Plano Cruzado: "Lancei o Plano Cruzado sabendo que estava colocando minha cabeça na guilhotina".

Em grande parte do programa de ontem, o presidente repetiu argumentos utilizados na véspera, no programa *Palanque Eletrônico*, da Rede Globo, em que repetiu acusações de corrupção contra seu governo. "Isto é um pobre recurso, uma velha forma de insulto que faz parte da História do Brasil", disse Sarney, passando a relacionar suas iniciativas contra a corrupção.

"Eu posso dizer que combati a corrupção"

É a seguinte a íntegra da *Conversa ao Pé do Rádio*:

"Brasileiras e brasileiros, bom-dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma *Conversa ao Pé do Rádio* de todas as sextas-feiras; hoje, 22 de setembro de 1989.

Quero começar comentando a minha presença, quarta-feira última, no *Palanque Eletrônico* da TV Globo. Fui aos estúdios daquela rede de televisão, assim como em julho comparei à TV Bandeirantes, para, democraticamente, oferecer meu testemunho sobre os temas abordados pelos vários candidatos que concederam uma série de entrevistas e que, direta ou indiretamente, se referiram ao governo e ao presidente da República.

A democracia é um regime de duas mãos e ninguém pode achar que vai atacar, denegrir e ferir os outros ou torcer os fatos sem que possa o cidadão ter o direito de resposta. Foi isso que aconteceu. Comparei à televisão, não com as minhas prerrogativas de chefe de Estado, mas como um simples cidadão que usa o direito constitucional que lhe é assegurado. Tanto que comecei o programa dizendo que espero que meus netos, um dia, possam assistir a uma cena igual, ou seja, que outros presidentes da República, no futuro, se disponham a gestos como o meu, que, em plena campanha eleitoral, sem ter candidato presidindo o pleito como magistrado, se submetam a ser sabatinados como eu fui para discutir democraticamente os problemas que estamos discutindo hoje no Brasil.

"O essencial é que o cidadão possa votar com esperança"

O que é essencial é que o cidadão possa votar com esperança, dando o seu apoio por aquilo que o seu candidato possa fazer por ele e não por aquilo que o presidente Sarney não pode fazer. Não deixei sem resposta nenhuma das questões apresentadas pelo jornalista Alexandre Garcia, desde a questão da inflação, que é um mal crônico que assola dramaticamente o nosso país desde o fim do governo Dutra, em 1949. Getúlio não conseguiu conter, levou Juscelino a um governo impopular, justamente por causa da inflação, tanto que o Jânio Quadros se elegeu justamente alegando esse fato e atacando duramente o presidente. O presidente Jânio Quadros, também nos seus sete meses de governo, não conseguiu solucionar, apesar dos esforços que fez para combater a inflação e que certamente foi a causa fundamental

da queda de João Goulart e dos acontecimentos de 64, e que os governos revolucionários não conseguiram conter.

Herdei uma inflação já alta, em cerca de 15%, ao mês, mas com as reivindicações populares contidas, os salários arrochados, as aspirações da sociedade reprimidas. Com a minha presença no governo e com a abertura democrática que aconteceu, as aspirações legítimas da sociedade extravasaram e foi difícil compatibilizar as reivindicações da sociedade com o processo de acentuação da expansão inflacionária ainda mais.

"Corresponde ao meu governo a presença de uma sociedade democrática"

Nós tínhamos uma dívida social a pagar e essa dívida nós não podíamos deixar de pagar, uma vez que as classes trabalhadoras se encontravam com os seus salários esmagados e ao mesmo tempo não tinham espaço livre para que pudessem, dentro da sociedade, exercer os seus direitos. Corresponde justamente, ao meu governo a presença de uma sociedade democrática. Por quê? Porque os trabalhadores passaram a ter um status, passaram a reivindicar dentro da renda nacional o seu direito a bons salários, justamente disputando com o lucro, com os juros e com todos os outros fatores que compõem a renda do País.

Fiz tudo o que pude. Lancei o Plano Cruzado, sabendo que estava colocando minha cabeça na guilhotina, mas tentei o possível e o impossível para combater a inflação, que, no estágio atual, é alta, altíssima, e que nós sabemos, como todos vocês, que é insuportável. Mais do que isso, eu tive oportunidade de dizer, antontem, que eu também sou vítima da inflação. Eu não inventei a inflação e, portanto, como vítima da inflação, eu sou a maior de todas as vítimas, porque as responsabilidades maiores são as minhas.

"Lancei o Plano Cruzado sabendo que estava pondo o pescoço na guilhotina"

Eu espero que o próximo presidente, assim como eu ganhei a batalha da transição democrática, cujo coroaamento são as eleições diretas para presidente, consiga vencer a batalha da inflação. Eu estarei pronto, qualquer que seja ele a aplaudir os êxitos que ele tiver nessa direção, como também estarei pronto a exercer o meu direito de crítica,

se isso não ocorrer. No entanto, como eu disse na televisão, minha preocupação é que os candidatos tragam para o debate nacional as soluções e não fiquem somente na análise e nas críticas. Por que eles não apresentam o que desejam fazer para estancar a inflação? Quais são os planos que farão ou deixarão de fazer? Quais são os erros que eu cometi e que eles evitarão e substituirão por acertos?

Reclamar é fácil, mas eu acho que o povo brasileiro, nós todos queremos ouvir dos candidatos, não provocações, não insultos, mas propostas, propostas concretas. De minha parte, sou um presidente em fim de mandato e quem vai me julgar é a História. Nós não julgamos a História, como disse antontem à noite. A História é que nos julga.

Eu não estou concorrendo às eleições de novembro, eu não tenho candidato à minha sucessão. É necessário que os candidatos não se limitem a dizer que Sarney foi o responsável por isso, o Sarney é o responsável por aquilo. Não. Eles têm de dizer qual é a solução que eles têm para os problemas nacionais.

"Hoje, os que falam em prisão estão agindo demagogicamente"

Outro ponto a que tive oportunidade de responder foi sobre o problema da corrupção. Lembrei que isso é um recurso, um pobre recurso, uma velha forma de insulto que faz parte da História do Brasil. Nenhum homem público escapou e eu não iria escapar. Porque é um apelo simplista, até mesmo porque todos os candidatos que falam de corrupção foram também acusados de corrupção quando exerceram cargos públicos. Há exceções, mas a regra são acusações e, em alguns casos, acusações até de corrupção pessoal. Rui Barbosa dizia que o Império caiu de podre. Acusava, como causa da queda do Império, a corrupção. E Rui Barbosa ocupou o Ministério da Fazenda. Pois bem, ele também foi vítima desses ataques injustos e atacado violentamente de corrupção. Quem lê a História do Brasil sabe que isso é uma constante.

Mas eu posso dizer que combati a corrupção. Ai é que está o problema. Todas as denúncias de corrupção que eu recebi mandei apurar, mandei receber inquérito e, recentemente, mandei que todos que tivessem denúncias as apresentassem ao Ministério da Justiça para que as providências fossem tomadas. Nesses quatro anos, por exemplo, a Polícia Federal abriu 202 inquéritos sobre corrupção e eu demiti, a bem do serviço público, 110 funcionários

e coloquei em indisponibilidade os bens de 597 pessoas, puni 140 instituições financeiras que praticaram irregularidades, apliquei 1.371 punições de vários tipos. Eu fechei o Banco Comind, fechei o Banco Auxiliar, fechei o Brasilinvest, fechei o Agrobanco, eu fechei o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, fechei o Banco de Crédito Real, decreti intervenção no Banco de Santa Catarina, no banco do meu Estado, o Maranhão, decreti também intervenção no Acre, no Banco do Acre, nos Bancos do Piauí, do Ceará, do Pará, do Mato Grosso. Fiz inquérito no Basa, mandei prender diretores do Basa, porque naquele tempo o presidente da República podia, em face da lei, decretar prisão.

"A Constituição é tão liberal que pode acobertar até aqueles que matam"

Hoje, os que falam em prender estão agindo demagogicamente. A Constituição tirou do presidente, tirou das autoridades administrativas, o direito de decretar prisão por corrupção, como também tirou dos governadores o direito de intervenção nos municípios, por corrupção. Hoje só quem pode prender é a Justiça. E eu tive a oportunidade de, durante a votação da Constituição, lamentar que esse dispositivo fosse tão liberal. Tão liberal que podia e pode acobertar até aqueles que matam. Portanto, eu acho que o que nós devemos discutir são estes problemas.

Enfim, os temas que nós debatemos na televisão foram vastos e nesta simples *Conversa ao Pé do Rádio* eu não podia colocar todos eles, mas nós teremos outras oportunidades, em outras *Conversas ao Pé do Rádio*, de tratar de outros assuntos que tivemos oportunidade de abordar no programa de televisão que fiz antontem à noite. Finalmente, eu quero comunicar que hoje à noite eu irei a Nova York para abrir, na segunda-feira, a Assembléia-Geral das Nações Unidas. Em nome do Brasil. Estarei de volta no dia 28. Mais uma vez eu exerceo a diplomacia presidencial para que o nosso País possa recuperar e retomar o seu espaço na área internacional.

Quero que as minhas últimas palavras sejam as que sempre foram: a reitteração de minha fé em nossa Pátria. O Brasil superará suas dificuldades e vai realizar a aspiração do nosso povo, uma grande sociedade democrática, vivendo em paz, em liberdade, com bem-estar para o seu povo e grande desenvolvimento.

Bom dia e muito obrigado".